

Memórias de Son My-My Lai

Massacre que maior repulsa provocou no mundo, recordado por uma sobrevivente

Pham Thi Trinh, 27 anos, é guia no museu de Son My-My Lai e uma das cinco sobreviventes do massacre de 16 de março de 1968. Duas meninas de 10 e 13 anos, uma mulher de 30 e uma velha foram as outras quatro sobreviventes. Thi Trinh tinha 10 anos e foi a única sobrevivente de uma família de onze pessoas. Os soldados mataram sua mãe, quatro irmãos (um com sete meses) dois primos, tia, tio e a avó.

Em Son My foram assassinadas ao todo 504 pessoas: 182 mulheres (17 grávidas), 173 crianças (56 bebês), 60 velhos e velhas, 89 adolescentes. Não houve homens entre as vítimas porque nesta zona, muito disputada desde 1964 entre as forças populares e o regime de Saigon, todos aqueles em idade de combater integravam o destacamento de guerrilha da região que, no dia do massacre, se encontrava afastado das suas bases.

Tudo começou às 6h da manhã de 16 de março de 1968. Após uma hora de bombardeio, nove helicópteros desembarcaram, em duas levadas, três companhias da força-tarefa *Alpha, Bravo e Charlie*. Foi esta última, comandada pelo capitão E. Medina, que recebeu a missão de reduzir a aldeia à "zona branca", aplicando a tática dos "três tudos": matar tudo, queimar tudo, destruir tudo. O "matar tudo" foi confiado ao grupo do tenente Williams L. Calley Jr.

O massacre durou até às 13 horas. Despejados dos helicópteros, os soldados norte-americanos cercaram todos os lugarejos e casas espalhadas num raio de 2km, e começaram imediatamente a liquidar tudo que encontravam com vida: mulheres, crianças, velhos e animais. Incendiaram casas, colheitas, árvores e, antes de se retirarem, colocaram cargas explosivas nos abrigos subterrâneos e nas habitações que ainda resistiam ao fogo.

A repercussão no mundo - Quando as notícias do massacre se tornaram públicas, e o comando militar dos EUA teve de reconhecê-lo, alguns dos seus executantes foram levados a tribunal militar. Foi quando o repórter Jay Roberts, que tinha acompanhado o tenente Calley em Son My-My Lai, descreveu na revista *Life* algumas cenas da chacina, ilustrada por fotos.

"Na periferia do lugarejo - relata Roberts na *Life* de 5 de dezembro de 1969 - encontra-se uma pilha de cadáveres. Uma criança se aproxima e segura a mão de um morto. Um soldado que está atrás de mim ajoelha-se em posição de disparo e mata-a com um só tiro."



Thi Trinh, diante do monumento às vítimas de My-Lay

"...Os soldados aproximam-se de um grupo de mulheres, entre as quais uma menina de 13 anos, vestida com um pijama negro. Um deles agarra-a e, ajudado pelos outros, começa a despi-la à força. 'Vejam como ela é feita', diz um deles. Como estes valentões se obstinam em despi-la no meio de cadáveres e cabanas em chamas, a mãe tenta socorrê-la, agarrando-se a eles e arranhando-os. Uma outra mulher vietnamita, receando pela própria pele, tenta conter a revolta da mãe. Um soldado lhe dá pontapés e um outro a esbofeteia..."

Roberts tirou uma foto da jovem abotoando a camisa escondida atrás da mãe, diante da qual tinha sido estuprada pelo grupo de soldados. Ele continua o seu relato: "...Um soldado pergunta: 'E agora, que fazemos com elas?'. Responde outro: 'Vamos matá-las'. Ouvi o barulho de uma M-60, uma metralhadora, e quando nos viramos, todas estavam mortas, as crianças também..."

Jay Roberts e alguns dos soldados que executaram o massacre fotografaram tudo. Muitas dessas fotos foram vendidas mais tarde, pelos próprios militares a revistas norte-americanas e estão no museu de Son My.

São imagens de terrorismo. Duas crianças vivas caídas uma sobre a outra, num caminho da aldeia, com a seguinte legenda de um soldado, cúmplice e testemunha, de nome Ronald Haeberle: "Quando estes dois meninos ficaram sob a mira, o mais velho tentou proteger o irmão menor, cobrindo-o com o corpo. Logo a seguir, os nossos rapazes abateram-nos."

Três crianças ainda vivas, que choram diante do cadáver da mãe, um velho olhando a objetiva instantes antes de ser assassinado, outro cadáver de um velho lançado vivo num poço e depois metralhado, um monte de cadáveres no riacho onde foram exterminadas 170 pessoas, um soldado ateando fogo a uma cabana...

Na última das seis salas do museu que contam o massacre, estão as fotos dos dois chefes operacionais. A do capitão E. Medina tem, embaixo, a afirmação que ele proferiu no tribunal: "Foi dada ordem de destruir My Lai e tudo o que aí se encontrasse." A outra mostra o tenente Calley num helicóptero após a reconstituição do massacre fazendo o sinal da paz para o objetivo...

"Minha filha, tenta viver" - Percorrido o museu

e os locais onde se desenrolaram algumas cenas da chacinha, Pham Thi Trinh conta a sua história e lembra o que viu naquela manhã sangrenta.

A sua família foi surpreendida pelos soldados da companhia *Charlie*, quando tomava o café da manhã. No momento em que eles entraram e começaram a disparar, a mãe empurrou-a para o abrigo subterrâneo da casa, sem que os soldados notassem. Aterrorizada, ela ficou aí durante cerca de uma hora, ouvindo os tiros, os gritos e o crepitar das chamas. Depois, entrou na casa do lado, para procurar a mãe, e viu uma mulher ainda viva, a barriga aberta à baioneta e com um bebê chorando, agarrado a ela. O pranto da criança denunciou mãe e filho, atraindo a atenção de um soldado, que entrou na casa e liquidou os dois. Os cadáveres caíram sobre Thi Trinh, que o norte-americano julgou estar morta.

Durante um longo período, ela não se moveu debaixo dos cadáveres. Depois, saiu da casa e entrou em outra, onde encontrou o cadáver da tia. Fugiu e regressou à casa que ainda não se incendiara. Deparou com a avó morta num armário onde havia se escondido e viu a mãe agonizante. Agarrou-se a ela, que exortou a filha e todos os sobreviventes a tentarem qualquer modo de fuga. "Minha filha, tenta viver. Eu estou morta", são as últimas palavras que Thi Trinh recorda da mãe.

Aqui a memória da jovem confunde-se. Lembra-se da mãe se arrastando para fora da casa, já atingida pelo fogo, e de ter visto o cadáver do irmão de sete meses. Escondeu-se de novo no esconderijo que horas antes lhe tinha salvo a vida, com o corpo coberto do sangue da mãe e das outras vítimas. Acredita que se salvou porque eles se esqueceram de dinamitar a sua casa como tinham feito com todas as outras.

Saiu do abrigo e viu o corpo queimado do irmão de sete meses, apenas com o rosto reconhecível. Todos os outros parentes estavam semicalcinados. Ficou agarrada ao cadáver da mãe até que o fogo a obrigou a deixar a casa. Tudo ardia à sua volta e não encontrou os outros sobreviventes que moravam a dois quilômetros do lugar. Correu pela estrada por entre cadáveres, animais mortos e árvores queimadas. Sufocada pela fumaça, passou pelo posto de autodefesa da aldeia e viu os corpos amontoados das 102 pessoas que ali haviam sido assassinadas. Foi quando desmaiou de medo.

Ao anoitecer, os camponeses que tinham vindo das aldeias vizinhas para enterrar as vítimas do massacre, encontraram-na desmaiada, julgando-a morta.

Mas Thi Trinh recuperou os sentidos e salvou-se de ser enterrada viva. Foi recolhida pelo coletivo de uma aldeia onde passou a viver com o pai. Só dois anos depois, visitou as ruínas de sua aldeia.

Os sonhos de uma jovem

O depoimento de Kim Phuc, a menina cuja imagem correndo por uma estrada, após ser queimada por uma bomba de napalm, se transformou num dos símbolos do horror da guerra

5 de junho de 1972. Pelos alto-falantes instalados ao redor de Trang Bang, os 2.000 habitantes desta aldeia situada 50km ao norte de Saigon, à beira da Estrada Nacional nº1 (que, desde a colonização francesa, é chamada de "Mandarina"), recebem ordem para evacuar as suas casas nas próximas duas horas: Trang Bang fora condenada a transformar-se em "zona branca", o que, na linguagem do comando militar norte-americano, quer dizer destruição total.

As famílias juntam o que podem e caminham pela "Mandarina" em direção à "aldeia estratégica" que o exército lhes destinou. Algumas delas - 100 pessoas, entre as quais muitas crianças - abrigam-se num pagode situado a 700 metros da aldeia.

Horas depois, surgem os primeiros bombardeios, que, em duas passagens, fazem de Trang Bang um monte de escombros. Três dias mais tarde, na manhã de 8

de junho, dois *Skyraider* da Força Aérea norte-americana completam a missão, lançando bombas de *napalm* de 500 quilos. À primeira passagem dos aviões, uma bomba cai junto do pagode e os adultos gritam às crianças para correrem em direção aos soldados sul-vietnamitas. Mas, quando elas estão abandonando o templo, um *Skyraider* larga uma bomba sobre ele.

Phan Thi Kim Phuc, de nove anos de idade, é envolvida no fogo pegajoso do *napalm*. A roupa arde num instante e ela sente uma dor lancinante, mas consegue correr 500 metros pela estrada, com os irmãos e primos, até cair desmaiada.

A foto, 12 anos depois - A foto que o repórter da *Associated Press*, Nick Ut, tira desse instante corre mundo, é impressa em milhares de jornais e revistas ao longo dos anos, tornando-se uma das mais célebres da guerra do Vietnã: a da menina correndo nua pela estrada.